

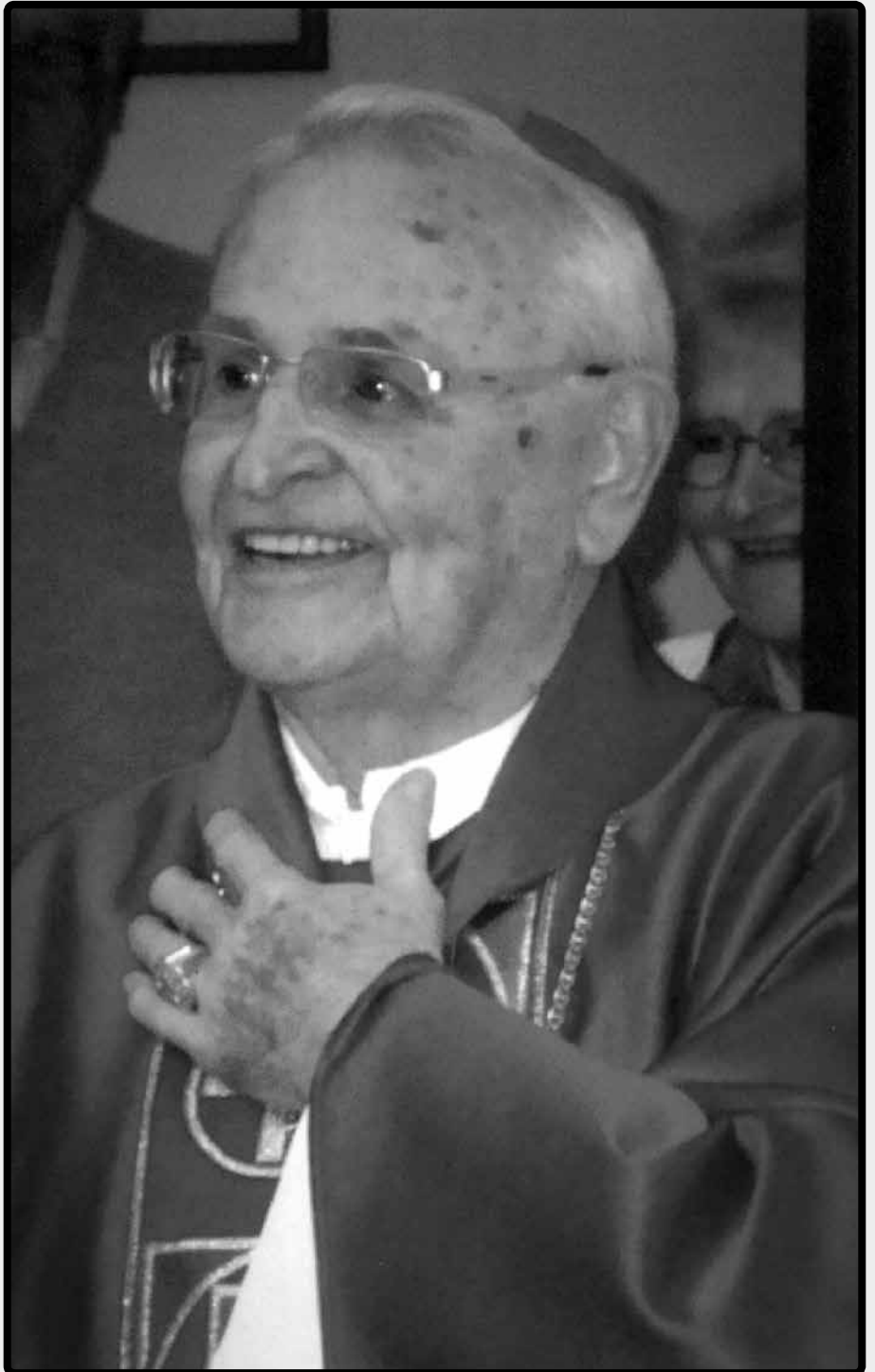
Agenor Brighenti

Juan José Tamayo (orgs.)

DOM PAULO

Testemunhos e memórias sobre o Cardeal dos Pobres





Introdução

Este livro é um tributo a um dos personagens singulares da Igreja Católica no Brasil, de quem se vai falar por séculos. Mesmo em sua ausência, ele continuará inspirando processos pastorais, na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição libertadora latino-americana, tal como o fez desde a década de 1970, até seu último dia como arcebispo de São Paulo. Sua páscoa recente suscitou reações de amigos, colaboradores e admiradores, que mereciam e precisavam ser registradas e divulgadas como um tributo a sua memória e gratidão por sua profícua obra.

A ideia da compilação de alguns destes pronunciamentos, publicados por ocasião da morte de Dom Paulo Evaristo Arns, foi do teólogo espanhol Juan José Tamayo. Ele enviou-me um texto sobre o “bispo dos pobres”, publicado num jornal de Madri, e eu enviei-lhe um texto meu, publicado no *Jornal Gazeta do Povo*, em Curitiba. Sua reação foi imediata: “Por que vocês não publicam no Brasil um livro que recolha pelo menos uma parte destes pronunciamentos?”. Respondi-lhe em seguida: “E por que não nós dois organizarmos o livro?”. Ele topou. Fiz, então, a proposta de publicação do livro às Irmãs Paulinas, que acolheram prontamente o projeto, e nos pusemos a trabalhar.

Catarinense como Dom Paulo, para mim, é um privilégio participar deste livro. Sua terra natal, Forquilha, pertencia à nossa Diocese de Tubarão; hoje, Diocese de Criciúma. Naquela antiga aldeia de colonização alemã e hoje cidade industrial, os franciscanos fazem presença secular no serviço à causa do Reino. À Diocese, suas três irmãs religiosas deram e continuam dando grande contribuição, em especial através da Pastoral da Criança, uma criação da irmã de sangue de Dom Paulo, a médica Zilda Arns. Como coordenador de pastoral da Diocese de Tubarão na década de 1980, tive a satisfação de colaborar estreita e concretamente com este projeto junto à Irmã Ilda Arns. Foi ela quem implantou a Pastoral da Criança na Diocese e foi sua coordenadora diocesana por décadas. Com esta obra, milhares e milhares de crianças são ainda hoje atendidas e acompanhadas, e centenas delas salvas com recursos simples, econômicos, mas muito eficazes. Dom Paulo sempre esteve ligado à Pastoral da Criança, desde sua criação. Com o tempo, a obra ultrapassou fronteiras, tanto que a fundadora morreu no terremoto do Haiti trabalhando pelas crianças em situação de vulnerabilidade.

Dom Paulo Evaristo Arns influenciou diretamente toda uma geração de padres e militantes cristãos de três décadas – 1970, 1980 e 1990 –, o período de exercício de seu ministério como teólogo e bispo. Eram tempos difíceis, marcados pelo subdesenvolvimento e pela repressão da ditadura militar, mas também pela utopia e o heroísmo da “irrupção dos pobres” e do “terceiro mundo”. Encontrei-me com Dom Paulo em várias oportunidades. Relato, brevemente, três delas, pois revelam características de sua personalidade e grandeza.

Conheci pessoalmente o arcebispo em 1976, quando veio a Florianópolis receber uma homenagem e dar uma conferência no auditório da Assembleia Legislativa. Eu era estudante de teologia e líder estudantil, com militância nos movimentos sociais de então. Foi uma conferência magistral. Sobrou gente do lado de fora do auditório. Em pleno regime da ditadura militar, Dom Paulo fez um pronunciamento profético, lúcido e corajoso, típico dos profetas arrebatados pelo senso da justiça e dos direitos dos injustiçados. Fazia nosso coração arder pela causa do Reino e superar o medo dos delatores a serviço da ditadura, infiltrados em todos os espaços. O teor de seu pronunciamento foi a defesa e a promoção dos direitos humanos. Naquela oportunidade, acontecia mais uma ofensiva da “Operação Barriga Verde”, com a finalidade de prender ativistas sociais. Uma ofensiva do regime militar que se havia iniciado em 1974 e só terminaria em 1979. A Operação prendeu 42 pessoas. Naquele ano, em Florianópolis, foram presos Marcos Cardoso Filho (engenheiro eletricitista, professor da Universidade Federal de Santa Catarina), Roberto João Mota (ex-deputado estadual pelo PMDB) e Alécio Verzola (militante dos movimentos sociais no Morro da Caixa). Como membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese, tendo à frente Dom Afonso Nieheus, visitávamos regularmente estes presos políticos, no porão do quartel da polícia militar na Rua Rio Branco.

Na época, a exemplo de Dom Paulo, tínhamos bispos muito engajados. Em Santa Catarina, merecem destaque também Dom José Gomes, bispo de Chapecó, e Dom Gregório Warmeling, bispo de Joinville. Mas inspiravam-nos na militância dezenas de bispos do Brasil da envergadura de Dom Helder Câmara, Dom

Ivo Lorscheiter, Dom Tomás Balduino, Dom Aloísio Lorscheider, Dom Antônio Fragoso, Dom Waldir Calheiros, Dom Adriano Hipólito, Dom Orlando Dotti, Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom José Maria Pires, só para citar alguns dentre os já falecidos. E não eram só bispos, havia também centenas e centenas de padres, religiosas, leigos e leigas, muitos dos quais são contados hoje entre nossos “mártires das causas sociais”, cujo primeiro santo já o temos com a canonização de Dom Oscar Romero.

Um segundo encontro pessoal com Dom Paulo deu-se em 1978, em São Paulo. Juntamente com Lino Brunel, hoje padre e coordenador de pastoral da Diocese de Tubarão. Éramos, então, estudantes de teologia e professores no Seminário da Diocese, e passando por São Paulo fomos recebidos por ele em sua casa. Um cardeal recebendo dois seminaristas, sem assunto na agenda, só por sermos catarinenses e da Diocese de sua terra natal. Tivemos mais de uma hora de encontro, de alegre e agradável conversa. Fiquei imaginando que costumasse fazer isso com todos os que batiam à sua porta, em especial os pobres, perseguidos ou defensores de direitos usurpados pela então ditadura militar. Dom Paulo ouvia e dizia, perguntava e argumentava, sorria, mas também mostrava firmeza, quando se tratava de situações de direitos violados.

Outro momento de encontro com Dom Paulo, marcante para mim, foi na Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, em Santo Domingo, por ocasião da celebração dos quinhentos anos de evangelização, em 1992. Eu trabalhei na organização da metodologia da Assembleia junto a Jorge Jiménez Carvajal, hoje arcebispo de Cartagena, Colômbia. Eram tempos de enfrentamento direto entre a tradição eclesial libertadora da

América Latina e os setores conservadores alinhados à Cúria Romana. A Conferência de Santo Domingo foi um evento tenso, de controle escancarado por parte da Cúria Romana, mas também de debate, de posicionamentos proféticos e de proposições ousadas, mas que infelizmente não foram recolhidas no documento final. Lembro-me das intervenções corajosas de Dom Paulo, de Dom Mauro Morelli, de Dom Aloísio Lorscheider, do profético Dom Ivo Lorscheiter, de Dom Angélico, assim como do trabalho eficiente de Dom Luciano Mendes de Almeida na Comissão de Redação. O cardeal Martini, participante da Assembleia enquanto presidente da Conferência Episcopal Europeia, não teve dúvidas em defender a tradição libertadora latino-americana. Assim como o cardeal Eduardo Pironio, isolado na Cúria Romana, mas com a lucidez, a amabilidade e a coragem de sempre. Eu me perguntava onde estes grandes homens encontravam tanta força para resistir, argumentar, protestar, sem perder a ternura e a esperança. Tinha razão Dom Paulo: só indo “de esperança em esperança”, alicerçados na fé.

De início, compor este livro parecia tarefa fácil. Bastaria recolher e ordenar pronunciamentos veiculados na grande imprensa, por ocasião da morte de Dom Paulo. Mas a dificuldade apresentou-se diante da necessidade de selecionar textos, dentre a grande quantidade encontrada. Também seria necessário que algum familiar de Dom Paulo participasse da obra, seus bispos auxiliares, confrades, colaboradores e colaboradoras. Sem falar nos critérios de agrupação dos textos. Optou-se por estruturar o livro em quatro seções.

O primeiro bloco reúne pronunciamentos de bispos auxiliares de Dom Paulo e de teólogos, que põem em relevo, particularmente, seu ministério episcopal. Dos bispos auxiliares de Dom Paulo, estão recolhidos textos de Dom Mauro Morelli e de Dom Angélico Sândalo Bernardino. Dentre os teólogos, estão os tributos de Frei Betto, Leonardo Boff, Agenor Brighenti, Antônio Manzatto, Juan José Tamayo, Eduardo de la Serna, e a entrevista de Fernando Altemeyer Júnior e Júlio Lancelotti.

A segunda seção do livro recolhe pronunciamentos de intelectuais e militantes cristãos, que colocam em destaque, principalmente, o trabalho de Dom Paulo em prol da defesa e da promoção dos direitos humanos, em especial ante a ditadura militar. Nesta perspectiva, estão o testemunho de Adolfo Pérez Esquivel, Fábio Konder Comparato e do missionário espanhol na Amazônia Luís Miguel Modino.

A terceira seção do livro reúne ecos da grande imprensa, que expressam a repercussão da vida e da obra de Dom Paulo para além das fronteiras eclesiais. Seleccionamos os textos de Pedro Del Picchia (*Folha de São Paulo*), de Mauro Lopes (*Outras Palavras*), de Camila Moraes (*Jornal El País*), da Redação de *O Globo*, da Redação de *CartaCapital* e de Clovis Rossi (*Portal UOL*).

A quarta seção do livro traz dados da biografia de Dom Paulo, com testemunhos de pessoas que conviveram com ele, conhecendo-o no cotidiano. Primeiramente, uma irmã dele, Otília Arns, relata episódios só conhecidos por familiares, com detalhes curiosos que mostram a grandeza de uma vida baseada na simplicidade e na busca da realização de grandes ideais. Na sequência, estão registros únicos da secretária do arcebispo durante todo o

período do exercício de seu ministério em São Paulo – Maria Ângela Borsoi. Também foi ela quem revisou e completou a lista da bibliografia “de” e “sobre” Dom Paulo, assim como catalogou as fotos recolhidas neste livro, dentre as mais de nove mil guardadas no acervo de Dom Paulo, nos arquivos da Cúria da Arquidiocese. Segue o testemunho da Irmã Maria Flora Anderson, colaboradora próxima de Dom Paulo, mostrando como ele mexeu e marcou a vida de tanta gente. Depois vêm os registros de Fernando Altemeyer Júnior, que por anos foi uma espécie de porta-voz do arcebispo junto aos meios de comunicação. E, finalmente, concluindo a seção biográfica, uma biografia, quase completa e exaustiva, feita por um confrade de Dom Paulo, frei Clarêncio Neotti, que recolhe uma grande quantidade de dados preciosos de uma vida quase secular.

Fechamos o livro com um epílogo de Juan José Tamayo, um dos organizadores da obra, que dá uma visão global da vida e obra de Dom Paulo, em um texto escrito em forma de “decálogo”.

Ao final de cada seção, há uma breve resenha de algumas fotos significativas e marcantes da vida e trajetória do Cardeal da Esperança, amigo e defensor dos pobres.

Agenor Brighenti